A AMAZÔNIA
NO
PANORAMA ECONÔMICO-MERCANTIL DO BRASIL

Discursos pronunciados na inauguração da Delegacia Geral da Associação Comercial do Amazonas, na Capital Federal, em 28-4-944



1944
IMPRENSA NACIONAL — RIO DE JANEIRO — BRASIL

A AMAZÔNIA

NO

PANORAMA ECONÔMICO-MERCANTIL DO BRASIL

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA INAUGURAÇÃO DA DELEGACIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS, NA CAPITAL FEDERAL, EM 28-4-944



1944

IMPRENSA NACIONAL — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Discurso do Dr. Hannibal Pôrto, Delegado Geral da Associação Comercial do Amazonas

Exmo. Sr. Interventor do Amazonas
Exmo. Sr. Arcebispo
Meus Senhores.

Sejam minhas primeiras palavras de profundo reconhecimento a S. Exª. Revma. Dom Jayme Câmara, nosso arcebispo, pela insigne honra proporcionada a esta Delegacia, vindo abençoá-la ao inaugurarmos sua sede, onde procuramos apresentar um conjunto harmonioso de cousas e motivos cativantes da vasta região amazônica, onde S. Exª. Revma. passou alguns anos de sua fecunda existência apascentando na generosa terra paraense suas ovelhas e semeando incontáveis benefícios morais e espirituais, que valeram ao benemérito Pastor de almas, gratidão e saudades no coração dos jurisdicionados.

A importância assumida pela Associação Comercial do Amazonas em face das prerrogativas, que lhe foram outorgadas recentemente, como órgão consultivo e técnico do Govêrno Federal, obrigou-a a ampliar serviços e aparelhamento condizente com as novas responsabilidades, impostas pelo ato governamental, causa do salutar movimento que se nota presentemente, entre as congêneres distinguidas com a investidura em aprêço; procurando, cada qual, melhorar as suas instalações e serviços, de molde a corresponder plenamente à siguificação de tal ato.

Entre tôdas se destaca a Associação Comercial do Amazonas como das mais antigas instituições representativas do co-

mércio nacional. Se bem que mantivesse serviços avançados, criados em data remota, como, por exemplo, o de estatística, que data de quarenta e dois anos, procurou, contudo, ampliá-los, vazados nas exigências da técnica moderna, e, para tanto, vem de construir magnífico edifício, recentemente inaugurado na bela metrópole amazonense.

As Associações Comerciais representam papel de grande expressão objetiva, na atual renovação dos processos que se empregam na solução dos complexos problemas dos nossos dias, os quais requerem, mais do que nunca, observações acuradas e aprofundados estudos à luz da experiência.

Não são hoje exclusivamente da classe a maioria dêsses problemas. Por sua complexidade, êles envolvem todo o mundo, sob o duplo aspecto social e econômico de que se revertem, e de cuja acertada solução dependem tôdas as atividades construtivas.

Reafirmo, neste momento, minha fé inquebrantável nos grandiosos destinos da Amazônia, repetindo aquelas palavras com que prefaciei a série de artigos publicados, de 1901 a 1906, no decano da imprensa carioca e em outros diários desta Capital, enfeixados, em 1915, em volume sob o título: "Em defesa da Amazônia". Ei-las:

"As páginas que vão ser lidas provam que continuo a ser o mesmo defensor, devotado e cheio de desinterêsse do Extremo Norte. Até o momento em que as escrevo, não tenho tido nenhum desfalecimento.

Creio que à Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se há de fazer justiça, e receberá, afinal, o prêmio dos seus esforços, da sua abnegação, do seu desinterêsse, principalmente da sua tenacidade na propaganda e defesa de seus grandiosos problemas econômicos".

Dada a evolução que se vem operando mundialmente de algum tempo para cá, o comércio já se não pode ater ao simples processo material de comprar e vender, sem a objetivação da

estatística, o estudo dos mercados de consumo, visando as possibilidades de absorção e evitando o acúmulo de grandes estoques de mercadoria com fins exclusivamente especulativos. Êle carece, hoje, de aparelhamento técnico e de conhecimentos especializados, dentro de moldes honestos, para poder tornar-se intermediário eficiente da produção conjungada com os interêsses coletivos, subordinando-se à concorrência a baixos preços e à boa qualidade da mercadoria, isto é, contentando-se com lucros razoáveis.

Ora, para que haja melhor compreensão dos problemas da nova era, que se aproxima, deve o comércio instruir-se e abandonar, pouco a pouco, a rotina.

E', pois, para louvar a bela e encorajadora atitude da nossa co-irmã do Rio de Janeiro, ora sob a direção criteriosa e infatigável do Dr. João Daudt d'Oliveira, criando, por feliz e oportuna inspiração dêsse eminente patrício, a Universidade Comercial do Brasil. Aí serão forjados os futuros obreiros da elevação do comércio brasileiro à altura da grandeza nacional.

A essa obra, tenho profunda convicção, não faltarão aplausos e o apoio material da classe e do Govêrno Nacional. Do mesmo sentir, estou certo, participam homens da envergadura de Álvaro Maia, honrado Interventor do Estado do Amazonas, aqui presente, que, seja dito de passagem, se tem revelado no Govêrno e fora dêle, interessado pelo problema da educação a par do econômico, não regateando apoio a tôdas as iniciativas tendentes a tão alto objetivo.

A Associação Comercial do Amazonas pode dar disso seu leal e desinteressado depoimento.

Quero realçar também os inolvidáveis serviços prestados pelo Presidente Getúlio Vargas, após sua memorável visita ao Amazonas, em cuja Capital pronunciou, na Associação Comercial, o famoso discurso chamado do Rio Amazonas, cujas promessas realiza atacando com desassombro os complexos problemas social-econômicos do vale do rio-mar .

Alí vêdes, senhores, entre os quadros com motivos amazônicos, o chefe da Nação em trajes tropicais na ocasião de pronunciar o memorável discurso. — Outro sentido não tem a homenagem que mostrar nosso reconhecimento ao emérito servidor do Brasil.

Quis a Providência Divina que minha existência se prolongasse até esta altura, para ter a alegria de assistir ao espetáculo magnífico do despertar da Amazônia, depois de 30 anos de hibernação.

E ao comemorá-lo nesta singela festa, com a honrosa assistência do que temos de mais representativo na sociedade e na administração, não devemos esquecer os titans que desbravaram as terras do grande vale, lutando contra as agruras da natureza hostil e vencendo-as galhardamente, a custa, embora, da vida de muitos dêles, tombados na peleja ciclópica em prol da civilização, no portentoso vale.

A êsses heróis anônimos, na maioria filhos do Nordeste, devemos tributo de reconhecimento e saudade e, em homenagem a sua memória, espero um dia se erija um monumento que recorde em todo tempo o que fizeram em bem da Pátria comum.



A benção do museu e demais instalações da Delegacia Geral da Associação Comercial do Amazonas, na Capital Federal

Discurso do Dr. João Daudt d'Oliveira, Presidente da Associação Comercial e da Federação das Associações Comerciais do Brasil.

Meus Senhores:

Esta delegacia da Associação Comercial do Amazonas traz-nos até à capital do país uma vibração sensível da vida do grande Estado que representa.

Sentimos neste contato com ilustres filhos da longínqua província palpitar um pouco da grandeza telúrica da Amazônia, dos seus mistérios indevassados, do esplendor sufocante da sua natureza, onde o homem escreve epopéias na conquista do solo e no domínio dos elementos.

Esta emoção me assaltou, vivíssima, há dois anos quando rumo aos Estados Unidos, sobrevoava o rio-mar.

A CONQUISTA DO TERRITÓRIO NACIONAL

Ao contemplar aqueles cenários de imponência mitológica, pràticamente intocados pela civilização, surgia-me aos olhos em tôda sua eloqüência a magnitude do problema que as gerações brasileiras têm de enfrentar para a conquista real do território nacional.

Se alguma coisa me pôde alentar a confiança, naquele instante de deslumbramento e receio, foi a recordação de que, no início, o Brasil inteiro era um mundo tão impenetrável e hostil quanto a Amazônia de hoje. Nós o conquistamos e civiliza-

mos, a golpes de esfôrço, de bravura, de tenacidade, realizando ao mesmo tempo esta fascinante fusão étnica, que caracteriza nossa formação. Nós havemos também um dia de dominar o El-Dorado, com a mesma fôrça que subjugou o pampa, Piratininga, a Mantiqueira, o São Francisco.

Quando tomei contato com vossas realizações, com vossos homens de ação, com vosso espírito decidido, com vosso apêgo à terra sobrevivendo aos cataclismos físicos e econômicos, senti então, definitivamente, que podiamos confiar nos brasileiros que no extremo Norte sustentam a vanguarda civilizadora que puxou a fronteira da Pátria até às abas de Roraima e às margens do Javari.

Êsse espírito de pioneirismo, de ardor cívico, de determinação resoluta, de otimismo e confiança eu o encontrei permanentemente esmaltado em vossa tradicional e prestigiosa Associação Comercial.

Hanibal Pôrto

Nós nos acostumamos a admirá-lo aqui, simbolizado na figura do seu único Presidente honorário em 72 anos de existência — o nosso querido e infatigável Hanibal Pôrto.

Existe na alma dêste eterno trabalhador um segredo de entusiasmo e vontade, que está ligado de perto à instituição amazonense. Foi ali que fêz sua primeira grande experiência de administrador, mal saído das lutas vibrantes da mocidade como partidário de Floriano ao lado de Eduardo Ribeiro. Nela realizou um programa avançado, criando bibliotecas, serviços de estatística, de propaganda e de informação, dando-lhe nova sede, realizando um milagre que ao tempo parecia inalcançável.

Provou, depois, a qualidade de sua têmpera, derrotando o monopólio que se escudava no govêrno e no congresso do seu Estado, com o apoio da palavra de Rui Barbosa e no direito dos homens de bem à liberdade de comércio.

O fragor de combate e de idealismo dêsses anos vincou para sempre a vida laboriosa e útil de Hanibal Pôrto. Encontramos o mesmo lutador entusiasta, idealista e patriota, em tôdas as fases da sua atividade: quando se bate por uma sistematização da cultura da borracha; quando representa o Brasil em certamens internacionais; quando escreve suas monografias — verdadeiras lições sôbre o cacau, a indústria salineira, a nóz do Brasil, o mercado europeu de frutas, o algodão, as madeiras; quando funda a Federação das Associações Comerciais do Brasil; quando organiza o Grupo e as Semanas de Ação Social; quando desempenha honrosas delegações do Govêrno.

Encontramo-lo agora à testa dêste empreendimento, dando-lhe o calor do seu entusiasmo sempre moço. Sua presença é, por si só, garantia do muito que aqui se vai realizar, pelo Amazonas, e pelo Brasil.

A GUERRA E OS PROBLEMAS BRASILEIROS

No momento em que nos reunimos para celebrar êste simpático acontecimento, estruge além-mar o fragor da guerra, a mesma guerra que repentinamente arrastou a Amazônia e seus problemas para primeiro plano nas cogitações nacionais e internacionais.

A nenhum momento podemos furtar-nos à lembrança dos dolorosos acontecimentos que estão afligindo a humanidade, espalhando luto, miséria, desolação, obscurecendo todos os quadros de barbarismo da história.

E' natural, pois, que neste encontro de membros de uma mesma família, os homens de negócios conversem um pouco, com isenção e sinceridade, sôbre alguns problemas, que, na órbita das suas atividades, a guerra tem criado para o nosso país.

Fomos envolvidos pelo conflito, através da covarde agressão nazista, em meio a um grânde esfôrço de construção do arcabouço econômico nacional.

Estabelecida em 1937 numa trégua nas agitações partidárias, o govêrno podia encarar de frente a solução de vários problemas vitais para a nossa existência como nação independente: siderurgia, combustíveis, transportes. Animada pelo ambiente de paz interna, a iniciativa privada estava em condições de aplicar-se confiantemente à expansão do parque industrial e a uma série de empreendimentos há muito reclamados pelo desenvolvimento do país.

Antes, porém, que tivéssemos completado qualquer das grandes vigas mestras da construção iniciada, tivemos de aplicar tôdas as energias à solução dos problemas novos que a situação de guerra colocava repentinamente diante de nós.

As classes produtoras, em tempo alertadas pelas advertências da Associação Comercial do Rio de Janeiro, estavam mobilizadas para produzir, na medida da capacidade de suas fôrças, o que fôsse necessário para acudir à emergência.

Tivemos, então, a revelação das enormes falhas da nossa estrutura econômica, defrontando situações que assumiam aspectos de gravidade sem paralelo em outros países aliados.

Não possuíamos petróleo, nem indústria pesada; faltavam-nos técnicos em quasi tôdas as atividades relacionadas com a produção; estradas de ferro em início de reequipamento não tinham capacidade para absorver o incremento de mercadorias que necessitavam transporte; rodovias pouco extensas em relação à vastidão territorial; tonelagem mercante insuficiente para atender ao transporte das utilidades.

Começaram a surgir as dificuldades consequentes: escassês, alta de preços, especulações, e com elas a inquietação e o descontentamento.

Atitude inadvertida

A Associação Comercial do Rio de Janeiro foi uma tribuna de onde permanentemente fizemos ouvir a voz das classes produtoras: "Guerra significa dificuldades, sacrifícios, privações.



Sessão inaugural da Delegacia Geral do A. C. Amazonas, presidida pelo Interventor Dr. Álvaro Maia, no salão de sessões da A. C. do Rio de Janeiro.

Precisamos preparar-nos, exercitar nosso espírito de renúncia, abrir mão dos hábitos de confôrto, gastar menos, desenvolver a capacidade de cooperar para o bem comum".

Não cessamos de apontar para o exemplo dos Estados Unidos, onde antes havia o maior confôrto e o maior bem estar individual e coletivo do mundo, e que na hora do perigo sacrificava tôdas as comodidades, mesmo as mais elementares, e os seus hábitos tradicionais, para empenhar-se a fundo na mobilização total.

O tom geral dos noticiários, das entrevistas e dos discursos aqui se alteava em temas de exaltação patriótica da mais pura sinceridade, impregnado porém, de um otimismo exagerado.

A falta de preparo psicológico, habilmente explorada pelo quinta-colunismo vigilante, foi imperceptìvelmente criando no público uma mentalidade por assim dizer esportiva. Foi tomando corpo a convicção de que a guerra seria ganha ràpidamente pelo esfôrço dos nossos aliados com alguns golpes espetaculares, que assistiríamos de longe com aplausos e canções.

Não chagava aos ouvidos do público a advertência de Churchill prometendo ao povo inglês "suor, sangue e lágrimas", senão como uma frase, de vago sabor literário.

As *manchettes* festivas dos jornais mal deixavam espaço para as palavras angustiosas de Wendell Wilkie, que via o exército japonês bater às portas de Calcuttá, depois de dominar as Filipinas, as Índias Holandesas, todo o litoral da China, a Malásia e a Birmânia, organizando para enfrentar a raça branca um império que abrangia a metade da população da terra com todos os recursos que a natureza pode oferecer ao homem.

Dificuldades inevitáveis

Em tal ambiente de confiança descuidada, as dificuldades que foram surgindo passaram a ser recebidas de má vontade, com murmurações, e, afinal, com protestos.

Ninguém aceitava de bom grado as renúncias ao bem-estar pessoal, já que a guerra estava pràticamente ganha e em breve tudo deveria voltar à normalidade de antes.

Todos êsses elementos, manipulados pelo mesmo inimigo de sempre, imperceptível, disfarçado, mas onipresente e ativo, terminaram por conduzir a opinião pública à busca dos responsáveis pela carestia, pela elevação dos preços, pelo câmbio negro, pela agravação da vida do povo.

Não faltaram increpações inflamadas, escritas e verbais, contra os plutocratas da indústria, os magnatas do comércio os latifundiários agro-pastoris.

Abrangia-se numa só classificação deprimente todos os homens que nas atividades produtoras colocaram sua inteligência, sua capacidade, seu esfôrço e seus capitais a serviço da riqueza nacional.

Não se esclarecia o povo que havia um só responsável, um único causador de todos os males, aqui como nos outros países — a guerra.

Ninguém, a rigor, poderia ser responsabilidade — porque o tráfego marítimo pràticamente paralisado restringia a entrada de combustível, de máquinas, de matérias primas para a indústria; nem porque o nosso material ferroviário está gasto e sem substituição, visto nos faltarem trilhos, vagões e locomotivas; nem porque a falta de óleo, de gasolina, de peças sobressalentes, de veículos novos, paralisou o tráfego de milhares de minhões, de tratores, de ônibus e de embarcações fluviais; nem porque a mão de obra, é cada vez mais escassa e mais cara.

Os apelos para que produzíssemos mais e mais nos campos e nas fábricas, foram atendidos com entusiasmo pelas classes produtoras. Repetem-se, infelizmente, os aspectos dolorosos de 1917: os armazens, os depósitos, os páteos ferroviários, as docas, transbordam de mercadorias, à espera de um transporte problemático.

Tomamos conhecimento, por exemplo, dos apelas angustiosos que neste momento a economia do Rio Grande do Sul dirige ao govêrno, mostrando a situação de calamidade que a falta de navegação criou para a produção daquele Estado. Nunca, ali se trabalhou tanto: mas as carnes, o arroz, o feijão, a banha, as conservas, de que há tamanha carência no Centro e no Norte, não encontram navios. Atividades alí existem que já encaram a paralisação do esfôrço, porque não há mais espaço disponível para armazenar as mercadorias.

Enfrentam os comerciantes, os industriais e os agricultores sulinos — que pertencem à nossa malsinada família — o mais grave obstáculo que poderia surgir em seu caminho: o desestímulo, a noção confrangedora da inanidade do esfôrço empregado, o desânimo pelo tempo perdido e pelo capital sacrificado.

Entretanto, o que aqui ocorre é um fenômeno generalizado em outros países. Nossos aliados inglêses e norteamericanos lutam também com a falta de transporte, com o racionamento de quase todos os artigos de alimentação e vestuário, com a inflação, os impostos, a crise de combustível, elevação dos prêços, restrições de tôda sorte.

Ninguém, no entretanto, ali atribui a causa de tantas calamidades senão ao seu grande responsável — a guerra.

Todos se conformam de bom grado aos sacrifícios, pois sabem que êsse é o único caminho que conduzirá o país à perfeita preparação militar e à vitória.

Êsse é o correto ponto de vista, que ardentemente desejamos venha a ser compreendido no Brasil, para que possamos criar aqui realmente a mentalidade de guerra. Todos, do mais graduado funcionário ao último dos cidadãos, precisam capacitar-se de que sem sacrifício, sem privações, sem sofrimento, não ganharemos esta guerra.

O inimigo que temos de derrotar é forte, decidido, cruel, e está disposto a vender caro sua destruição.

Nós o venceremos, ao lado dos nossos aliados, enfrentando-o com a mesma decisão com que êle se preparou, disciplinando-nos com as mesmas renúncias com que êle se fortaleceu, batendo-nos com o mesmo ânimo resoluto, nos campos de batalha como na frente civil.

Só assim seremos dignos da vitória que conquistarmos.

Traduzindo-vos a mágua que por vêzes nos assalta ante as injustiças que a malícia de alguns atira sôbre nós através da boa-fé da maioria, não pretendo afirmar que as classes produtoras estejam isentas de exceções às nossas normas habituais de dignidade pessoal e profissional.

Há, entre nós como em tôdas as atividades — no Brasil como em outros países — os que se desviam das noções de patriotismo, aproveitando-se da oportunidade em que só deveria existir a preocupação do bem-comum, para auferirem vantagens excepcionais em seus negócios.

Podemos assegurar, entretanto, que felizmente êsses constituem entre nós uma minoria insignificante.

Os que lutam na frente da produção têm sido sempre, através da história do Brasil, homens esforçados, empreendedores, dignos e honestos. Seu estalão moral pode ser aferido por Mauá triunfador, rico, depois arruinado, pobre, entregando aos credores o último niquel, despojando-se dos adôrnos pessoais e procurando desfazer-se no derradeiro momento dos óculos, cujos aros de ouro representavam um valor material, que sua dignidade não lhe permitia conservar.

O homem do comércio não é mais hoje entre nós um elemento à margem da sociedade, encarado com preconceitos e prevenções. A realidade do fato econômico dirigindo o mundo desfêz em tôrno das atividades mercantis o imenso complexo que lhe havia tecido nossa mentalidade colonial.

Fiel às lições do passado, o homem de negócios tem sempre vivo seu espírito público, sua devoção aos interêsses coletivos.

Disso é prova eloqüente o movimento de coesão que ora se faz em tôrno da Associação Comercial do Rio de Janeiro, para que possa realizar seu grande programa de servir à coletividade formando técnicos e criando institutos de utilidade pública.

Tais credenciais criam-nos graves deveres e enormes responsabilidades, que se acrescem no momento anormal que estamos vivendo.

Nós, que prezamos as nossas atividades e delas nos orgulhamos, insistimos que lhes seja tributado o respeito e o acatamento que merecem pela dignidade com que as exercemos. Devemos constituir-nos em tribunal inflexível para a condenação de quantos ousem comprometer nossa reputação perante a opinião pública.

Mas, se nos erigimos em acusadores e julgadores dos indignos de pertencer ao nosso meio, não cessaremos um instante de fazer ouvir nossa indignada voz de protesto tôda vez que se tentar envolver o comércio, a indústria e a agricultura em julgamentos precipitados, inexatos, injustos e ofensivos à nossa dignidade de homens e de brasileiros.

PLANIFICAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Para essa campanha de preservação de dignidade do exercício das atividades mercantis, em todo o Brasil, contamos convosco, que aqui representais uma entidade de belas e nobres tradições, como a Associação Comercial do Amazonas.

Fiamos no vosso auxílio, na cooperação das vossas luzes e da vossa experiência, para o estudo e o debate dos grandes problemas econômicos do Brasil, a que nos propusemos nos diferentes órgãos técnicos da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Neste momento nosso Instituto de Economia empreende pesquisas, revê cálculos, alinha dados que conduzem a uma planificação rigorosamente científica da economia brasileira quando chegar a paz.

Não queremos ser colhidos desprevenidos pelos problemas complexos da produção técnica, do equipamento material, da mão-de-obra especializada.

Os problemas do comércio de após-guerra interessam, profundamente às Associações Comerciais do Brasil. Em todos os países, estudam-se, planificam-se, calculam-se, com os elementos que já podemos ter, os negócios do futuro. Não são apenas os governos da Inglaterra ou dos Estados Unidos que se preocupam em formar comissões de pesquisas. São os institutos particulares, as entidades privadas, ou laboratórios técnicos das Universidades, as grandes firmas exportadoras e importadoras, os consórcios de produtos e matérias primas, os grupos, as associações e câmaras de comércio e de indústria; todos êles agitam os problemas e incentivam os pesquizadores em diferentes sentidos, na visível ânsia de não chegarem atrazados.

A iniciativa, a propulsão, o conhecimento dos fatos e dos métodos, também estão com os particulares, e não são da alçada exclusiva dos governos, cuja concentração máxima ora se aplica ao desenlace final desta guerra.

Estudos internacionais

De Londres, apesar do pouco que de lá podemos saber, recebemos consultas e sugestões de uma associação de homens de negócios, que se intitulou sugestivamente "Associação de Aliança do Comércio Mundial". Nos Estados Unidos, os Institutos de Pesquisas, inúmeros e bem aparelhados, encaram os diversos setores de reconstrução de após-guerra com seus especialistas vindos de tôda parte.

A ação da Casa de Mauá

E' o Instituto Econômico Latino-Americano, de Boston, que constituiu, com o Comité de Redistribuição da População no

Após-guerra, de Nova York, a comissão de pesquisas sôbre imigração.

E' a Fundação Carnegie para a Paz Internacional, que edita e espalha abundantemente monografias, e estudos sôbre a organização do mundo próximo futuro.

E' a União Panamericana, é a Fundação Rockefeller, é o Instituto de Tecnologia de Massachussetts, a Academia Americana de Ciências Sociais, e outras muitas, que se ocupam de pesquisas minuciosas.

O Instituto de Economia da Associação Comercial do Rio de Janeiro, tomou, pois a tarefa de colaborar nesse vasto campo de estudos, e de trazer à Casa de Mauá os necessários dados e sugestões para que sua ação possa ser a mais útil e esclarecida.

Repartiu o Instituto seus trabalhos em dois capítulos: o de estudos de cooperação e intercâmbio econômico com os Estados Unidos, os demais países da América, da Europa e do Mundo — e o das necessidades brasileiras para seu desenvolvimento econômico.

Propôs-se, assim, a estudar, pesquisar, com o devido tempo, quais os produtos nacionais a desenvolver, quais os processos de trabalho mais eficientes a empregar, quais os mercados que nos poderão comprar, e como fazer para que nos comprem. Propôs-se, na medida do possível, a conhecer e analisar os planos que estão sendo elaborados nos outros países, com os quais iremos colaborar ou teremos que competir.

Os assuntos que fixam neste momento a atenção do Instituto de Economia se enquadram nos cinco grandes capítulos da expansão econômica do Brasil — energia e combustíveis, transportes e maquinário, população, crédito, técnica.

Qualquer dêsses problemas seria suficiente para esgotar as nossas possibilidades. Mas, metòdicamente vamos tratando os assuntos pela ordem da sua importância em nossos destinos imediatos.

APOIO DOS HOMENS DE NEGÓCIOS

Devo dizer-vos que para a manutenção e desenvolvimento dos serviços do Instituto de Economia, como para as atividades do Departamento Cultural, que colima a fundação da Universidade Mauá, não me tem faltado o apoio material e o estímulo espiritual da quase totalidade dos homens de negócios.

Êsse apoio idealista, aplicado a empreendimentos destinados ao bem da coletividade, vai impulsionando seguramente os nossos projetos para o caminho das realizações.

E' bem vertade que não faltam críticas e restrições. Existem ainda os que julgam que tais providências e iniciativas pertencem precipuamente ao Govêrno.

Reagimos vigorosamente contra semelhante ponto de vista: o Estado paternal e onipresente, tomando conta de tudo, tudo orientando, dirigindo e criando, é o Estado Totalitário, negação do nosso sentimento liberal e da nossa vocação democrática.

Os homens do comércio, da indústria e da agricultura não se podem quedar faquirizados, aguardando que tôdas as iniciativas partam do poder público.

Incumbe-lhes o dever de ir ao encontro da ação do govêrno, criando, empreendendo, cooperando para o bem comum. Esta é uma das formas do livre empreendimento, característica democrática que tanto assinala a vida norte-americana, fonte e inspiração de suas mais belas e beneméritas organizações de ordem social.

Si cruzarmos os braços, comodistamente, aguardando que o esfôrço oficial crie os elementos de que necessitamos, estaremos então merecendo com tôda justiça as increpações, sempre disponíveis no vocabulário demagógico, de que somos egoistas, aferrados ao dinheiro, preocupados apenas na defesa dos interêsses dos nossos capitais.

Para honra dos que se congregam na Associação Comercial do Rio de Janeiro, a chama do ideal alí acesa pelo sangue dos

Assinantes da Praça do Comércio na alvorada da nossa Independência, continua viva, alimentada pelo devotamento desta geração.

Nenhum outro prêmio visamos — eu e meus companheiros de Diretoria — que o de ter correspondido, na medida de nossas fôrças, às imposições do espírito público, do patriotismo, do desinterêsse e da vocação de servir que caracterizam a Casa de Mauá.

Contamos convosco e com todos os homens de boa vontade que se congregam nas Associações Comerciais de todo o Brasil, e que comungam nos mesmos propósitos elevados e patrióticos.

O momento exige a união de todos nós, de todos os brasileiros.

Precisamos cada vez mais pensar no Brasil sem ciumes de pessoas nem aspirações individuais.

Precisamos equilibrar nossas fôrças dispersas, para que possamos assumir o tom que as circunstâncias imprevistas no mundo ditarem ao nosso país.

Nós venceremos a guerra, não a encarando com otimismo e espírito comodista, mas enfrentando-a com o realismo e a fria determinação dos nossos aliados. O inimigo só será vencido quando fôr sobrepujado na violência dos golpes, que neste momento está aguardando em situação geográfica favorável. Isso significa, na experiência de Churchill, "suor, sangue, lágrimas". Nós o resumimos em uma palavra — sacrifício.

Com união e sacrifício, triunfaremos.

Como já afirmou um dia Oliveira Salazar, a respeito de seu país, "todos juntos não somos muitos para realizar o bem da Pátria".



Distribuição de guaraná e castanhas na sede da Delegacia Geral da A. C. do Amazonas, após a cerimônia da inauguração

Discurso do Dr. Álvaro Maia; Interventor do Estado do Amazonas:

Meus senhores:

O certame ora inaugurado, no Palácio do Comércio, conta-corrente de mármore e pedra em que as classes conservadoras inscrevem e escrevem as suas atividades, não demonstra apenas uma conseqüência do ressurgimento do Amazonas, impulsionado a produzir a essencial matéria-prima de guerra, honrando os compromissos do Brasil. Obedece a diretrizes traçadas, há doze anos, quando, pela aplicação de percentagens sôbre alguns produtos exportáveis do Estado, com a aprovação dêste e oferecidas pelos produtores, a Associação Comercial do Amazonas assumiu a responsabilidade de realizar a nossa propaganda nos centros consumidores nacionais e estrangeiros, e a instituir o museu de Manaus. Os mostruários encaminharam-se a variados pontos do mundo, esparsos em câmaras comerciais, consulados, colégios, instituições de cultura, navios mercantes. Deduz-se, de início, que as administrações e as classes responsáveis do Estado preferiram a cruzada prática da economia, selecionando os mercados aquisitivos na batalha pela colocação dos nossos produtos.

A Delegacia no Rio de Janeiro abrirá a rota para outras cidades, na expansão e documentação do trabalho planiciário, natural nesta magnífica reconquista, assegurada pelas medidas nacionais de proteção. Serão assentadas cebeças de ponte para a oferta das nossas riquezas florestais. Tudo isto obedece, por

outro lado, à planificação que se impõe, desde agora, no resguardo daquelas regiões tropicais, movimentadas pelas recentes providências do Govêrno Federal. Inverte-se o máximo do nosso esfôrço na extração da borracha. As demais fontes foram postas em reserva, inclusive a castanha, cuja safra se calculara em quarenta milhões de cruzeiros, abandonada às selvas e às invernias. Travou-se uma guerra silenciosa pelo Brasil. Vencida, entretanto, a primeira parte da batalha, começamos a meditar no após-guerra, no encadeamento das atividades amazônicas, sempre incetivando a produção da borracha, mas em rumos fixos a diferentes setores de ação; compreendemos, por êsse modo, o norteio do Govêrno Nacional, que não arregimentou milhares de nordestinos e caboclos corajosos para o labor de um qüinqüênio, em cumprimento aos acôrdos firmados, mas também para acelerar definitivamente as fôrças setentrionais do País. Em entendimento máximo, congregando tôdas as classes, procuramos corresponder à boa-vontade dos responsáveis por êste momento, potencial da Nação, lutando, ao mesmo tempo, para que possam substituir, mais tarde, os departamentos criados para exploração e aproveitamento das nossas riquezas. Ficarão integrados ao Vale, na faina extrativa ou agrícola, os milhares de trabalhadores, dispersos nos seringais, acrescidos das famílias que partem do nordeste para agregar-se aos respectivos chefes. Êsses expedicionários fardados de mescla não se afastarão das áreas desmatadas pelo seu esfôrço, ou pelo suor de velhos seringueiros.

A Delegacia, exibindo produtos do Extremo-Norte, resulta dêsse patriótico objetivo, visando a demonstração das nossas possibilidades econômicas, que poderão contribuir para as fábricas e usinas do sul. Capitais e braços são as pontas da alavanca para levantar o mundo amazônico: o ponto de apoio é o próprio Brasil.

* * *

A ARRANCADA PELA AVENTURA

Nova ainda, apesar dos seus ciclos de oscialções e de sofrimentos, a economia amazonense não tem história, porque tudo é de hoje, mas pode ser sintetizada em três fases — a arrancada pela aventura, o fastígio e a crise, o ressurgimento atual, isto é, a desordem heróica, o desbravamento e a queda dos seringais, a exploração metodizada.
metodizada.

A primeira foi uma escalada sem disciplina, desde a descoberta dos primeiros rios, em barcos a vela e remo, com trinta e quarenta dias entre Belém e Manaus, até a fixação dos seringalistas em vastos latifúndios, que exploraram dominando os índios e as febres. Muitos estacaram nas cachoeiras; outros foram morrer onde os rios forcejam por nascer, brotando de placentas alagadas. Eram caçadas de amostras, ou, como definiu Euclides da Cunha, eram "caçadores de árvores", que traziam as notícias das terras desvendadas, dos garimpos líquidos envasados em milhões de seringueiras. Não havia coordenação de profissões; as correntezas maltratavam, mas dirigim os descobridores.

* * *

O FASTIGIO E A CRISE

N segunda fase, os seringalistas esboçam a propriedade, em rudes capítulos de heroismos, fundindo, ao mesmo tempo, o arcabouço da borracha, sob o molde dos ensinamentos e das necessidades locais. Houve modificações posteriores, mas as linhas mestras continuam a ser as mesmas. Os novos trabalhadores foram transportados para os velhos seringais, para as estradas abertas naqueles anos aproveitando, para construção de barracões e barracas, as clareiras abertas pelos homens de aço que por alí transitaram.

Ainda agora, na passagem de um navio, como através dos vidros de um avião, vemos essas vegetações baixas em contraste às florestas compactas, atestando vidas que aí lutaram e desapareceram. Construiram-se, nos estaleiros regionais, flotilhas para os motores; cimentaram-se pequenas e grandes propriedades; organizaram-se casas aviadoras, financiamentos, companhias de navegação.

Surgira a Cooperação, surgira a Associação Comercial do Amazonas, que resumiu os seus trabalhos a um programa de ação privada. Mas um órgão dessa espécie foge aos seus fins, se restringe os esforços a relações associativas, a protestos contra as leis tributárias, a crises de mercadorias e transportes. Cabe-lhes uma responsabilidade maior, em esfera mais ampla, como um sindicato de centralização entre os comerciantes e o poder público. Mais tarde, durante a crise que perturbou, sem conseguir destruir, a organização do grande Vale, relegado à sua própria sorte, coube às fôrças de reação, e àquele órgão de classe, o compromisso de uma vigilância incessante, a fim de que, sem proteção de espécie alguma, como realmente o ficaram, não se evadissem totalmente para melhores plagas os milhares de trabalhadores nucleados pela iniciativa particular. Os remanescentes daquêles dias de fastígio mantiveram-se, como pelotões de reserva, nos mesmos seringais despovoados, guardando-os para dias mais felizes. O quilograma de borracha, matéria-prima considerada o sal elástico das indústrias, descera para um cruzeiro, que não cobria os fretes comuns das raras embarcações, mesmo nos rios próximos às capitais. A conquista do Amazonas foi nacional; a incorporação atual ao organismo do país é nacional. E, assim, o trabalhador dos trópicos, florestário indomado, bateu novamente às portas das selvas e dos rios, — e elas lhe ofertaram as madeiras, a castanha, a balata, as essências vegetais, o peixe, as plantas medicinais, o chicle, a juta, os couros e peles de animais silvestres, a pecuá-



Edifício da Associação Comercial do Amazonas — Edifício próprio em Manaus

ria, a agricultura rudimentar. A borracha caira nos índices da exportação estadual e seria virtualmente eliminada, se persistissem os preços vis. O corpo vitaminado reagira para uma nova existência, robustecida por aqueles produtos e sua conseqüente padronização. Rompeu o conflito mundial. Fomos violados em nossos direitos; tivemos de contribuir para resguardar o hemisfério, defender a nossa soberania e a liberdade do mundo. Trancaram-se os mercados; recebemos instruções para produzir mais e mais borracha; formaram-se os comandos para êsse fim. O Amazonas transformou-se em zona de guerra; os seringueiros são denominados soldados da borracha.

* * *

O RESSURGIMENTO ATUAL

Raiou o terceiro período da nossa economia, o período do ressurgimento, delineado pelo Presidente Getúlio Vargas no grande Discurso do Rio Amazonas. As leis, os auxílios, as medidas decorrem de três anos a esta data; os seus resultados falam nos embarques dos produtos, na movimentação dos negócios, na análise da imprensa, no relatório das autoridades, na crítica dos técnicos. Milhares de homens transplantados do Nordeste, ou arregimentados nos barrancos do Vale, ocupam-se em extrair borracha e, em escala menor, em plantar juta. Ambas são matérias-primas bélicas. A agricultura, praticada por mulheres, menores ou invalidados para o corte de seringueiras, destina-se, em percentagem mínima, ao abastecimento local. Os próprios indígenas, escravos da liberdade individual, disciplinam-se, fraternizam-se, também produzem pelo Brasil. Aviões, motores, navios cortam os ares e as águas do Extremo-Norte; comissões de saúde,, financiamentos, braços, abastecimento, tudo foi estudado. Só tentamos resolver os melhoramentos que se equacionam a planos lògicamente orientados, ao alcance dos nossos esforços. Houve e há tremendos obstáculos, barreiras que não

foram transpostas. Houve e há os imprevistos comuns a obras dêsse alcance, que vão sendo contornados com a vontade de vencer. E estamos vencendo: aumentam as toneladas de exportação. Os dias de trabalho pelo Brasil, nos seringais, começam nas primeiras horas da madrugada.

Mas os homens que enfrentam os desertos imensos, sejam de areais ou de florestas, aprendem a defender-se e a agir, fraternizados até os adversários, lendo ou adivinhando o perigo, nos instrumentos de precisão ou nos sinais do ambiente conturbado. E os homens das janglas despertaram. Terão, nas horas decisivas, o apoio nacional, que não deve faltar, neste regime, aos verdadeiros interessados pela coletividade. O Amazonas não poderá ser, após a guerra, um mero depósito e um mero produtor de matérias-primas: aquele sistema fluvial prodigioso, com pistas para hidros em todos os rios e lagos, não permanecerá em uma situação de reserva para o futuro, ou de viveiro de exotismos para divagações de naturalistas.

O Presidente Getúlio Vargas acionou-lhe a energia: despertou a consciência popular, criou medidas protecionistas para os seringueiros, os pescadores, os extratores. Leis sociais uniram e alertaram os agrupamentos humanos, insulados nas vastidões.

Esta Delegacia espelha as possibilidades do Amazonas; será uma fonte de consulta ampla e segura para os importadores e detentores de capitais. E, dentro em pouco, se não falharem os elementos de propulsão econômica, o comércio do Extremo-Norte se desenvolverá em três direções, uma interna para o país, a segunda para os antigos mercados estrangeiros, a última para a conquista, pelas nossas manufaturas, das nações amazônicas, que interessam o nosso comércio em suas faixas de fronteira. Seus habitantes, afastados dos centros fornecedores, pelas montanhas, pelos *llanos* e selvas, de que são exemplo o Peru, a Colombia e a Venezuela, terão, como sucede com a Bolívia, de aproveitar as estradas dos rios para o seu obrigatório

abastecimento. Manaus será um pôrto franco de distribuição comercial e aeroviária, por determinismo geográfico, servindo aquelas nações amigas e ao Brasil. Os técnicos do Palácio do Comércio acenderão luzes e conselhos mais claros para a planificação dêsses dias, que entrevemos com fé e entusiasmo: esta Delegacia é uma prova modesta de nossa vontade de servir melhor ao regime e à Pátria.

1944
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL



ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS







Secretaria de
Estado de Cultura

